

SUBJETIVIDADE E CONSTRUÇÕES DE FUTURO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Lilian Vieira FERRARI¹

Karen Sampaio Braga ALONSO²

- **RESUMO:** Este trabalho enfoca construções de futuro no português brasileiro, com base no modelo de gramática de construções proposto por Goldberg (1995, 2006) e na teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997). Partindo da noção de subjetividade como projeção ascendente de informação na configuração de espaços mentais (FERRARI; SWEETSER, 2008), argumentamos que as construções perifrásticas de futuro são mais subjetivas do que as construções de futuro morfológico. Em seguida, estabelecemos que a forma mais gramaticalizada do futuro perifrástico [ir + infinitivo] faz parte de uma rede construcional [(SN) *AUXILIAR INFINITIVO (X)*], da qual também fazem parte outras construções perifrásticas que permitem inferências de futuro, tais como [poder/dever + infinitivo]. Por fim, demonstramos que as construções perifrásticas diferem quanto ao tipo de informação que adicionam aos espaços epistêmicos e de ato de fala, que se caracterizam como espaços implícitos que configuram a base complexa (BSCN) ou *Ground*.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Construções gramaticais. Futuro perifrástico. Futuro morfológico. Subjetividade.

Introdução

Este trabalho conjuga o modelo da gramática de construções, proposto por Goldberg (1995, 2006) e a teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER, 1954, 1997) para o tratamento das construções de futuro em português. Em um primeiro momento, proporemos que as construções perifrásticas de futuro apresentam grau maior de subjetividade do que as construções de futuro morfológico. Em um segundo momento, argumentaremos que a forma mais gramaticalizada do futuro perifrástico [ir+infinitivo] (ex. Ele vai cantar) faz parte de uma rede construcional [(SN) *AUXILIAR INFINITIVO (X)*], da qual também fazem parte outras construções perifrásticas que permitem inferências de futuro, tais como [poder/dever + infinitivo] (ex. Ele pode/deve cantar). Em seguida, relacionaremos

¹ UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Departamento de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 21941-917 – lilianferrari@uol.com.br

² Doutoranda em Linguística. UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 21941-917 – karensampaio@hotmail.com

as construções que participam dessa rede à noção de subjetividade, entendida como projeção ascendente de informação na configuração de espaços mentais (FERRARI; SWEETSER, 2008).

Para tratar dos aspectos supracitados, o trabalho será subdividido da seguinte forma. Na segunda seção, os fundamentos teóricos da gramática de construções serão apresentados. A terceira seção discutirá a gramaticalização do futuro perifrástico com verbo de movimento. A quarta seção consistirá de um breve esboço da proposta de Langacker (1990) sobre fenômenos de subjetividade e subjetificação. Na quinta seção, serão apresentados aspectos relevantes da teoria dos espaços mentais com a finalidade de estabelecer as bases para o tratamento da questão da subjetividade. Por fim, a sexta seção apresenta a análise propriamente dita. Com base na hipótese de generalização de superfície, argumentaremos que há uma rede construcional de futuro perifrástico em português, com características sintáticas e pragmáticas distintas das construções de futuro morfológico. Com relação a essas últimas, as construções perifrásticas de futuro apresentam maior grau de subjetividade, além de adicionarem diferentes tipos de informação aos espaços implícitos na configuração de espaços mentais.

A proposta teórica da gramática de construções

Embora a noção de construção tenha sempre permeado os estudos linguísticos, mais recentemente o conceito foi revisitado no âmbito da vertente teórica denominada Gramática de Construções. Tomando como ponto de partida o trabalho pioneiro de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) sobre construções com *let alone* em inglês, essa abordagem tem-se consolidado com base em um número sempre crescente de trabalhos que enfocam diversos tipos de construções nas diferentes línguas.

A esse respeito, a contribuição de Goldberg (1995) tem sido particularmente profícua. No livro *Constructions*, a autora apresenta um estudo detalhado de construções de estrutura argumental em inglês, apresentando análises capazes de sustentar dois argumentos principais, a saber:

- a. As construções gramaticais são pareamentos de forma e significado, e não apenas resultados composicionais dos itens lexicais que as compõem.
- b. As construções gramaticais organizam-se com base em redes, motivadas principalmente por laços de herança polissêmicos ou metafóricos.

Com relação ao primeiro argumento, a autora demonstra que construções de movimento causado em inglês, por exemplo, podem admitir verbos que não indicam movimento, por força da semântica de movimento da construção. Assim,

da mesma forma que se pode ter *John pushed the piano into the room* (João empurrou o piano para a sala), em que há uma compatibilidade entre o sentido do verbo *to push* (empurrar) e o sentido de movimento da construção, também é possível a ocorrência de sentenças em que o verbo não indica movimento, mas adquire esse sentido por força da construção. É o caso de *She sneezed the napkin off the table*, cuja tradução literal seria algo como <Ela espirrou o guardanapo para fora da mesa>.

Já no caso do segundo argumento, são fornecidas várias análises que detalham a estrutura das redes construcionais polissêmicas (por exemplo, vários sentidos das construções de transferência de movimento causado) e metafóricas (por exemplo, construções de movimento causado como geradoras das construções de transferência de movimento causado). Nesse último caso, argumenta-se que construções como *She kicked the ball into the yard* (Ela chutou a bola para o quintal) licenciam, com base no laço metafórico transferência de propriedade é transferência física, construções dativas do tipo *She gave the ball to Sally* (Ela deu a bola para Sally).

Em livro mais recente, Goldberg (2006) aprofunda as análises anteriores, reivindicando que semelhanças de estrutura de superfície são mais relevantes do que semelhanças de significado. Retomando Williams (1991), a autora postula o “Argumento da sintaxe final”, que estabelece o seguinte: é preferível gerar A diretamente a derivá-la de C, se existe um padrão B que tem a mesma sintaxe final do que A e é claramente não derivado de C, como ilustra o esquema abaixo:

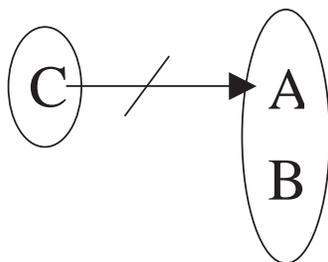


Diagrama 1 – Argumento sintaxe final

Com relação aos padrões argumentais, Goldberg (2006, p.25) propõe a “Hipótese de generalização de superfície”:

Existem tipicamente generalizações sintáticas e semânticas mais amplas associadas com estruturas argumentais de superfície do que entre a mesma forma de superfície e uma forma distinta da qual hipoteticamente essa última derivaria.

A verificação dessa hipótese pode ser feita com base nas construções bitransitivas em inglês que, em análises anteriores, foram consideradas como derivadas de suas paráfrases benefactiva e dativa:

Mina bought a book for Mel (benefactiva) → *Mina bought Mel a book*

Mina sent a book to Mel (dativa) → *Mina sent Mel a book*

Goldberg (2006), entretanto, argumenta que existem razões suficientes para que as construções bitransitivas sejam consideradas como parte de um mesmo grupo, distinguindo-as de suas paráfrases. Em ambos os casos, os testes sintáticos apresentam resultados semelhantes: (i) não é aceitável questionar o argumento recipiente – ??*Who did Mina buy/send a book?* (ii) advérbios não podem separar os dois objetos – **Mina bought/sent Mel yesterday a book*, (iii) o argumento recipiente deve ser mais tópico do que o argumento tema – **Mina bought/sent Mel it*; (iv) o argumento recipiente deve ser animado – ??*Mina bought/sent that place a box*.

Se as construções bitransitivas pertencem a um mesmo grupo, como poderíamos dar conta das diferenças sutis de significado existentes entre a bitransitiva benefactiva e a bitransitiva dativa? A proposta de Goldberg (1995, p.75) é que tais construções fazem parte de uma rede polissêmica que inclui, entre outras, as seguintes estruturas:

1. `X CAUSA Y A RECEBER Z (sentido central). Ex: *Mina sent Mel a book*.
2. `X PRETENDE CAUSAR Y A RECEBER Z. Ex: *Mina bought Mel a book*.
3. Condições de satisfação implicam em X CAPACITAR Y A RECEBER Z. Ex: *Mina promised Mel a book*.

Com base nessa perspectiva de análise, argumentaremos a seguir que as perífrases de futuro com estrutura [(SN) AUXILIAR INFINITIVO (X)] no português brasileiro formam uma rede polissêmica.

A gramaticalização de verbos de movimento em auxiliares de futuro

Diversos estudos sobre fenômenos de gramaticalização nas línguas do mundo já demonstraram que os tempos do futuro podem passar por um processo através do qual um verbo pleno passa a auxiliar, estabelecendo-se uma construção analítica complexa e, em estágio posterior, esse verbo auxiliar pode passar a morfema preso de tempo futuro (LEHMANN, 1982; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994).

No percurso do latim ao português, já se observa esse fenômeno, como resume a escala a seguir:

(1) *Cantare habeo (lat.) > Cantare hey (port. arc.) > Cantarei (port. med.)*

O verbo pleno *habere*, totalmente lexical em latim, passa a auxiliar, estabelecendo uma perífrase de futuro com um verbo pleno no infinitivo no português arcaico e, mais tarde, passa a morfema preso.

Por outro lado, além da expressão sintética de futuro, a língua portuguesa disponibiliza atualmente o futuro perifrástico com o verbo <ir> (por ex. Eu vou cantar). Nesse aspecto, assemelha-se a várias outras línguas, como o inglês, em que o verbo de movimento *to go* também é usado em perífrases de futuro (ex. *I am going to sing*). Os estudos supracitados assinalam, de modo consensual, que, no processo de gramaticalização de perífrases desse tipo, o sentido espacial do verbo metaforiza-se, assumindo sentido claramente temporal.

Assim, se em sentenças como <Eu vou fazer compras>, preserva-se certa ambiguidade (Vou caminhar até o mercado para fazer compras? Ou vou fazer compras pela internet em um momento futuro?), sentenças como <Eu vou ficar aqui> não remetem mais ao sentido de deslocamento do verbo <ir>.

Segundo Lima (2001, p.125), por volta do século XIII, o uso inicial da perífrase em português reúne os traços semânticos de movimento e intenção, veiculados pelo verbo de movimento. O autor apresenta o seguinte exemplo:

(2) “A outro vezi~o d’evora [algum~u ome~vezi~o] **deuelj A yr** Amostrar Aquillo q(eu) demanda (séc. XI).”

A construção em negrito permite, ainda, a inferência pragmática de que a ação ocorrerá no futuro. Segundo Lima (2001), a convergência desses traços é predominante nos usos da perífrase nos séculos XIII a XVI. Apenas a partir do século XVI, encontram-se usos que podem ser considerados mais gramaticalizados, na medida em que prescindem dos traços intencionalidade e/ou movimento. Assim, no processo de gramaticalização, incrementam-se os casos de ocorrência de <ir> com sujeitos não-humanos (e, portanto, não intencionais), e expande-se o uso da perífrase com verbos de evento e de estado, como ilustram os exemplos a seguir, respectivamente:

(3) Sòmente, é necessário saber o que esse paraíso me **vai custar**. (séc. XIX).

(4) É barão, e **vai ser** deputado qualquer dia. (séc. XIX).

No exemplo (3), temos um caso de sujeito inanimado (“esse paraíso”), enquanto no exemplo (4), ocorre o uso da perífrase com verbo estativo (“ser”).

A gramaticalização discutida nessa seção remete-nos à questão da subjetificação. Se o sentido de movimento passou a ser irrelevante nas perífrases gramaticalizadas, até que ponto o sentido de intencionalidade também se opacificou? Argumentaremos que a noção de intencionalidade, na verdade, deixou de indicar um fenômeno mental associado ao participante da cena descrita e passou a sinalizar os processos mentais daquele que descreve a cena, ou seja, do próprio falante. Podemos dizer que a perífrase de futuro é mais subjetiva do que o futuro morfológico. Para discutir essa questão, retomemos o tratamento que Langacker (1990) dá ao assunto. Nesse sentido, irá nos interessar particularmente a relação entre a escolha da forma de expressão do futuro e a noção de recorte abordada pelo autor.

A proposta de Langacker

Sobre a noção de recorte (*profile*), Langacker (1987) a vincula ao ato de elevar uma entidade a um nível especial de proeminência, que pode ser realizado de duas formas pelas expressões linguísticas. A primeira consiste no recorte de uma entidade específica em uma base conceitual mais ampla, como é o caso da palavra <pai>:

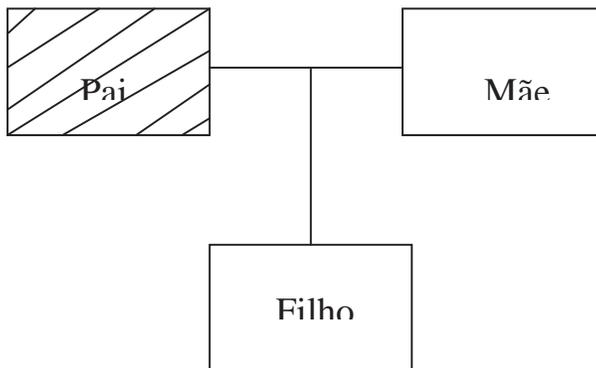
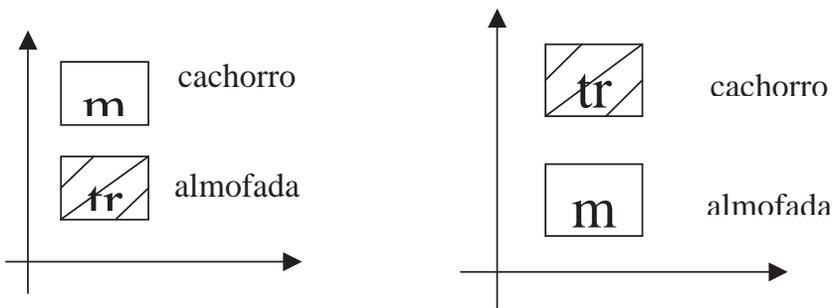


Figura 1 – Rede conceitual da palavra pai

O outro tipo de proeminência é a organização trajetor-marco. Observemos os exemplos abaixo:

- (5) A almofada está embaixo do cachorro.
- (6) O cachorro está em cima da almofada.

Essas sentenças podem ser representadas da seguinte forma:



Figuras 2 e 3 – Organização trajetor-marco

As expressões <embaixo> e <em cima> envolvem orientação espacial e dois elementos que estão em diferentes posições no eixo vertical e na mesma posição no eixo horizontal. A base conceptual é a mesma; não há diferença de conteúdo, nem de enfoque (ambas as expressões recortam uma relação entre dois elementos). Entretanto, <embaixo> e <em cima> têm significados diferentes, derivados da proeminência relativa dos participantes.

Embora tanto a <almofada> quanto o <cachorro> sejam enfocados nos exemplos acima, no exemplo (5) a <almofada> é o trajetor, ou seja, é mais proeminente do que o <cachorro> que funciona como marco. No exemplo (6), ocorre o inverso.

Em associação com a noção de proeminência, Langacker (1990) aponta o grau de subjetividade ou objetividade com o qual o conceptualizador constrói uma situação particular. O contraste entre construção subjetiva ou objetiva reflete a assimetria inerente entre o conceptualizador e a entidade conceptualizada. Embora em usos reais o *Ground* (falante, ouvinte e contexto interacional) sempre faça parte do significado de qualquer expressão, o grau de envolvimento do falante/ouvinte pode variar: a) o *Ground* pode ser visto como externo ao escopo da predicação, como em nomes e verbos tomados isoladamente (Diagrama 2a, a seguir); b) o *Ground* pode representar ponto de referência não-perfilado (Diagrama 2b, a seguir), como em expressões dêiticas do tipo <na próxima semana> ou <ontem>; c) uma faceta do *Ground* pode ser destacada e perfilada, como em <aqui>, <eu>, <agora> (Diagrama 2c, a seguir).

Nos diagramas a seguir, é importante considerar que EI refere-se ao escopo imediato da cena, EM ao escopo máximo da cena e G ao *Ground*.

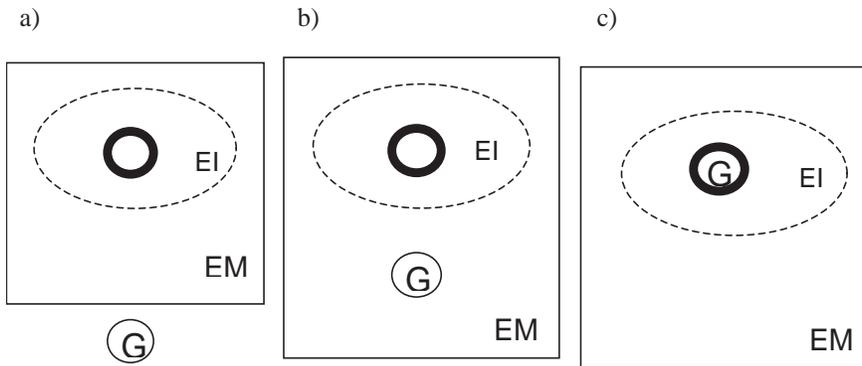


Diagrama 2 (a, b e c) – Graus de subjetividade na construção de uma situação particular

Tomando-se a noção de futuro, por exemplo, o trajecto é o sujeito da sentença e o marco é a atividade que esse sujeito irá realizar. Observemos os esquemas abaixo:

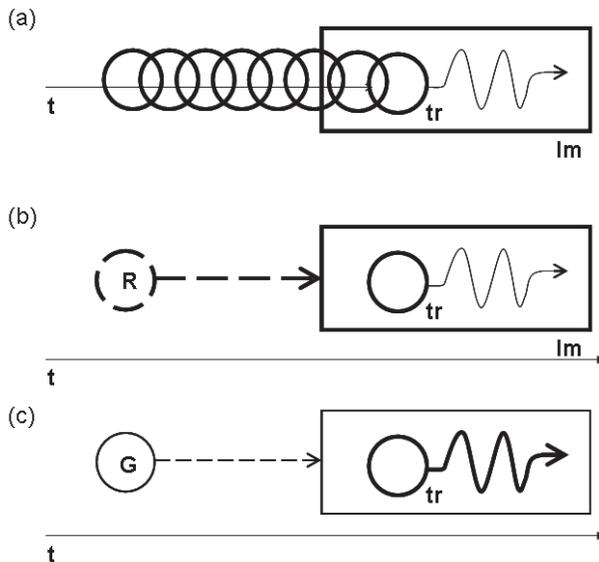


Diagrama 3 – Graus de subjetificação das construções de futuro

O Diagrama 3a descreve o movimento objetivamente construído pelo sujeito no espaço, ao final do qual inicia uma atividade. É o que designa a sentença <Maria vai abrir a porta>, em sua leitura espacial. Já o Diagrama 3b representa um estágio particular no processo pelo qual o significado do verbo <ir> se gramaticaliza para assumir o sentido de futuro, designando a

continuação do tempo da configuração na qual o evento-marco (expresso pelo complemento infinitivo) é acessado pelo escaneamento mental do falante (ex. O terremoto vai destruir a cidade). Por fim, a marca morfológica de futuro tem o valor representado no Diagrama 3c. Trata-se de uma predicação ancorada no *Ground*, que perfila o evento, e não a posterioridade temporal em relação ao ponto de referência.

A proposta de Langacker (1990) constitui um marco fundamental no tratamento de fenômenos de subjetividade e subjetificação³. Na próxima seção, partiremos dessa proposta inicial para argumentar que um tratamento do fenômeno em termos de espaços mentais pode representar a intuição de que há uma referência implícita ao falante em termos mais dinâmicos, com base em transferência de informação entre espaços mentais, e desse modo, explicar *nuance* de significado entre as diferentes perífrases de futuro.

Espaços mentais e subjetividade

A teoria dos espaços mentais, proposta inicialmente para tratar de fenômenos de referência que não haviam sido analisados satisfatoriamente pela semântica formal, resulta da ideia de que, à medida que o discurso se desenvolve, domínios cognitivos são criados. Esses domínios – os espaços mentais – permitem a organização de diferentes parcelas de informação de modo que seja possível acessá-las a qualquer momento.

Quando não se trata do espaço Base (a âncora discursiva que, em geral, representa o ‘aqui e agora’ do evento de fala), esses espaços projetam lugares distantes, períodos temporais referentes ao passado ou ao futuro, situações concebidas como irrealis ou relacionadas a desejos e crenças do falante e demais participantes do discurso (por exemplo: Em Istambul..., Nos anos cinquenta..., Em 2022..., Se..., Eu queria que... etc.).

A configuração de espaços mentais relacionada a qualquer fluxo discursivo conta com alguns primitivos cognitivos que ajudam falantes e ouvintes na tarefa de não perder ‘o fio da meada’. São eles: Ponto de Vista, Foco e Evento.

O Ponto de Vista é o espaço a partir do qual outros espaços são criados. O Foco, por sua vez, é o espaço ao qual se adiciona conteúdo em um determinado momento, e Evento é o espaço passado ou futuro, no qual se desenrolam determinadas ações.

³ Traugott e Dasher (2005) abordam esses fenômenos adotando ponto de vista ligeiramente diferente do de Langacker (1990), na medida em que os autores ancoram as noções de subjetividade e subjetificação à estrutura linguística, e não apenas à referência implícita ao falante. A abordagem reivindicada no presente trabalho pretende unificar ambas as propostas.

Mais recentemente, Sanders, Sanders e Sweetser (2007) propuseram que o espaço Base não é um todo indivisível, mas constitui uma rede conceptual – BSCN (*Base Space Conceptual Network*). O BSCN inclui: (1) um Espaço de Ato de Fala (ou de interação conversacional), em que Falante e Ouvinte participam de ações comunicativas; este espaço relaciona-se (2) ao Espaço Real ou Base, que representa os modelos físico e temporal de realidade relevantes para Falante e Ouvinte, (3) a um ou mais Espaços Epistêmicos, contendo processos de raciocínio do Falante e possivelmente do Ouvinte. Essa rede conceptual pode incluir ainda outros espaços, tais como o Espaço Metalinguístico (correspondências de forma-significado compartilhadas) e o Espaço Metatextual (histórico da estrutura discursiva compartilhada). A organização do BSCN pode ser esquematizada da seguinte forma:

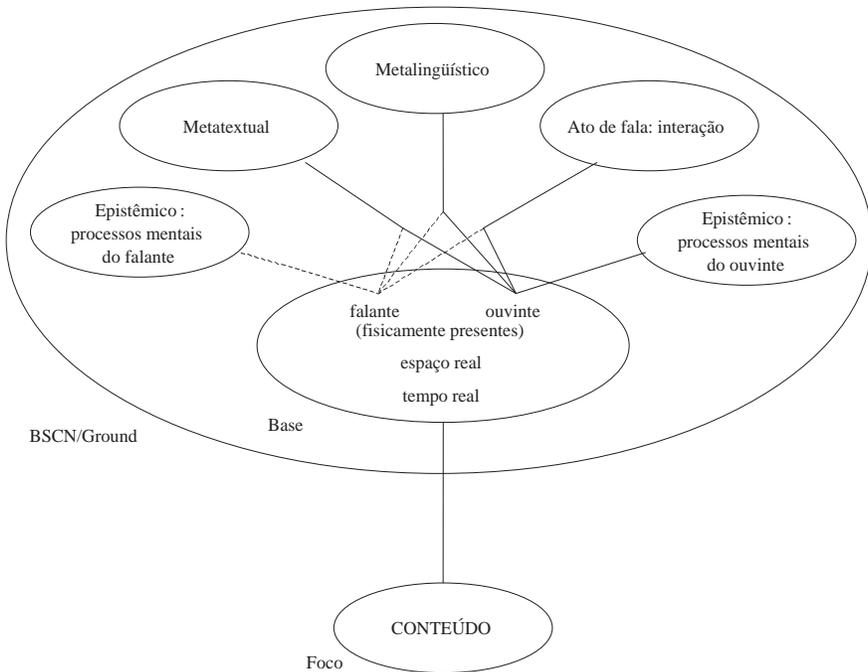


Diagrama 4 – Base Space Conceptual Network (BSCN)

Os autores argumentam que essa Base estendida, o complexo BCSN ou *Ground*, é, em última análise, o ponto de referência para a interpretação do espaço Foco (ou de Conteúdo); ou seja, embora os participantes da conversa possam não estar falando do *Ground*, eles precisam do *Ground* para ancorar referencialmente suas falas sobre outras coisas.

Com relação à subjetividade, Ferrari e Sweetser (2008) argumentam que expressões subjetivas ativam projeção ascendente de informação na rede de espaços mentais. O processo de subjetificação consiste, portanto, na adição de significado aos espaços que se situam acima do Espaço Foco (que abriga o significado referencial) na rede de espaços mentais. Esse processo pode ocorrer de duas maneiras:

(1ª) Adicionar estrutura semântica convencional aos espaços pertencentes ao *Ground*, enquanto o Espaço Foco (ou Conteúdo) permanece nos espaços da parte inferior da rede; isto é, adiciona-se informação ao *Ground* que, mesmo assim, se mantém implícito.

(2ª) Aumentar a distância entre os espaços do *Ground* e o espaço Foco, que se mantém na parte inferior da rede; isto é, aumentar o cálculo necessário para localizar o espaço Foco com relação ao *Ground* ainda implícito.

A seguir, analisaremos as diferentes Construções Perifrásticas de Futuro, detalhando como os processos acima ocorrem em cada caso.

Construções Perifrásticas de Futuro

Para análise das Construções de Futuro, utilizamos ferramentas de busca na internet que permitiram a elaboração de um *corpus* em que se evidenciassem diferentes ocorrências dessas construções. Tendo em vista que os usos do futuro perifrástico são geralmente tratados na literatura como relacionados à modalidade falada, enquanto que os usos de futuro morfológico são normalmente associados à modalidade escrita, reunimos exemplos característicos de ambas as modalidades.

Como principal fonte de dados, optamos por utilizar discursos oficiais do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pelo fato de que, embora esses discursos não sejam totalmente improvisados e possuam uma versão escrita prévia, são proferidos em situação real de comunicação. Portanto, favorecem o aparecimento tanto de construções de futuro morfológico quanto de construções perifrásticas de futuro.

Em termos de subjetividade, se compararmos todas as perífrases com o futuro morfológico, concluiremos que as perífrases são mais subjetivas, na medida em que adicionam informação aos sub-espaços implícitos no BSCN. O futuro morfológico toma o BSCN como ponto de vista, mas não acrescenta informação referente o papel de falante e/ou ouvinte e, conseqüentemente, também não adiciona informação aos espaços a eles associados.

No caso do futuro morfológico, a apresentação dos fatos sem que se sinalize nenhum tipo de interferência do falante permite a inferência de que os fatos serão dados de realidade futuramente (e não a atual projeção que o falante faz da realidade); no caso do futuro perifrástico com o verbo <ir>, vislumbra-se a interferência do falante, mas o alto grau de certeza demonstrado também permite a inferência de que é só uma questão de tempo para que os fatos sejam dados de realidade. Por esse motivo, a intuição dos falantes nativos é que o futuro morfológico e o futuro perifrástico com o verbo de movimento são, de certo modo, equivalentes (a diferença normalmente apontada diz respeito à fala e escrita, como já foi mencionado). É possível, entretanto, que essa distribuição de contextos de ocorrência esteja primeiramente relacionada a questões de subjetividade, e não propriamente às modalidades falada e escrita em si⁴.

O exemplo a seguir ilustra uma ocorrência de futuro morfológico:

- (7) “O fornecimento de energia nos próximos dez anos está garantido pelos projetos em andamento e pelos novos e ambiciosos projetos que **serão** licitados em 2007.” (SILVA, L., 2007a).

Com relação ao futuro perifrástico, verifica-se que, além do auxiliar <ir>, as perífrases podem apresentar os modais <poder> e <dever>. É o que ilustram os seguintes exemplos:

- (8) “Todos nós ficávamos na expectativa de que, num gesto de bondade a um país pobre latino-americano, os Estados Unidos iriam salvar as nossas economias ou a União Europeia iria salvar nossas economias. Isso nunca aconteceu e nunca **vai acontecer**.” (SILVA, L., 2007c).
- (9) “A reforma política **deve ser** prioritária no Brasil.” (SILVA, L., 2007a).
- (10) “Nosso país **pode ser** uma voz e um exemplo autêntico e poderoso para o mundo na questão da diversidade.” (SILVA, L., 2007a)

Os exemplos 8, 9 e 10 ilustram fragmentos de discursos oficiais proferidos pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em todas as construções em destaque, a noção de futuro é veiculada por meio de perífrase verbal. Além disso, todos os exemplos apontam para uma perspectiva implícita do falante em relação a eventos futuros, já que os verbos auxiliares sinalizam projeções ascendentes na configuração de espaços que compõem o *Ground*.

⁴ Esta visão é compatível com a proposta de Marcuschi (2005, p.37), que defende que “[...] as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.”

No exemplo 8, o falante imprime alto grau de certeza à sua predição de que a União Europeia nunca vai salvar a economia brasileira (não é à toa que o advérbio “nunca” faz parte da construção).

O exemplo 9 aproxima-se de uma promessa, já que o falante é o Presidente da República e precisa se apresentar compromissado com as reformas políticas esperadas (note-se, entretanto, que ele poderia ter usado a construção <vai ser> no lugar de <deve ser> para imprimir mais comprometimento à sua fala).

Por último, no exemplo 10, o falante avalia que o país tem capacidade de ser referência na questão da diversidade, mas demonstra não possuir evidências suficientes para predizer o que o país ‘vai ser’ ou ‘deve ser’.

Os exemplos 8, 9 e 10 instanciam, respectivamente, os seguintes esquemas que caracterizam a rede polissêmica de futuro perifrástico:

- a. [(SN) *IR INFINITIVO* (X)].
- b. [(SN) *DEVER INFINITIVO* (X)].
- c. [(SN) *PODER INFINITIVO* (X)].

Com relação às construções acima, observamos que:

1. As construções perifrásticas de futuro marcam subjetividade, diferindo quanto ao tipo de informação que os verbos auxiliares acrescentam ao Espaço Epistêmico ou ao Espaço de Ato de Fala no BSCN.

1a. As perífrases que adicionam informação ao Espaço Epistêmico revelam implicitamente diferentes graus de certeza com que o falante trata a realização do evento futuro.

1b. As perífrases que adicionam informação ao Espaço de Ato de Fala revelam implicitamente diferentes graus de comprometimento que o falante demonstra em relação à situação futura.

Nas próximas seções, detalharemos cada uma das evidências listadas acima.

Construções perifrásticas de futuro e espaço epistêmico

Nesta seção, enfocaremos os casos de perífrases que adicionam informação ao Espaço Epistêmico implícito no BSCN. Tais construções sinalizam diferentes graus de certeza, em função dos diferentes auxiliares que as instanciam, de acordo com a seguinte escala:

No caso do futuro mais gramaticalizado com o verbo <ir>, o falante demonstra alto grau de certeza. É o que acontece no exemplo a seguir, em que o presidente projeta as aspirações de seu governo nas ações de acelerar, crescer e incluir:

- (11) Hoje digo que os verbos acelerar, crescer e incluir **vão reger** o Brasil nestes próximos quatro anos. (SILVA, L., 2007a).

No caso do auxiliar <dever>, a perífrase indica certeza moderada. A escolha é produtiva em casos em que o falante, apesar de reunir um conjunto de evidências que lhe permitem predizer o evento futuro, não tem total controle da situação. É o que ocorre no exemplo abaixo:

- (12) “Oi **deve lançar** TV paga via satélite até início de 2009.” (OI..., 2008).

Por fim, o auxiliar < poder > permite que o falante apresente um evento futuro, sobre o qual não tem controle direto, apenas como uma possibilidade. É o que ilustra o exemplo abaixo, em que o presidente Lula trata de acontecimentos relacionados a outros países:

- (13) “É isso que me faz pensar, não apenas no meu País, mas pensar no meu continente e além do Oceano Atlântico. Pensar o que **pode acontecer** com os países africanos que têm, nos biocombustíveis, possivelmente, a grande chance do século XXI.” (SILVA, L., 2007a).

Construções perifrásticas de futuro e espaço de ato de fala

Com relação às construções perifrásticas de futuro que adicionam informação à Base ou ao Espaço de Ato de Fala no BSCN, é possível encontrar dois tipos distintos, com diferentes graus de subjetividade. No primeiro caso, incluem-se os exemplos do tipo a seguir:

- (14) Mas **vou dizer** uma coisa aqui, mas não sei se daqui a vinte anos estarei vivo. (SILVA, L., 2007c).

Nesse caso, a referência é feita à Base, espaço em que o presidente e a plateia se encontram. Trata-se de um ato de fala prototípico, em que os participantes da cena encontram-se reunidos em um mesmo contexto. Nesses casos, os dados demonstraram que ocorrem sempre perífrases.

O segundo caso é ainda mais subjetivo: a informação é adicionada ao Espaço de Ato de Fala. Tal informação pode ser adicionada indicando alto grau de comprometimento do falante, usando-se o futuro perifrástico gramaticalizado (ir + infinitivo). Observemos, a seguir, um trecho de discurso proferido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva:

- (15) “Temos de explorar as potencialidades das tecnologias de ponta. O Protocolo de Intenções que estamos assinando no campo de TV Digital reflete nossa determinação de empregar esse poderoso instrumento de democratização do acesso às comunicações e à informação. Reduzindo o hiato digital, **vamos incorporar** milhões de concidadãos à sociedade do conhecimento e multiplicar as oportunidades de promover desenvolvimento com inclusão social.” (SILVA, L., 2007b).

A perífrase acima caracteriza um ato de fala, no qual o presidente promete a democratização do acesso às comunicações e à informação.

Observemos, ainda, a intervenção do deputado Fernando Gabeira por ocasião da crise que envolveu o presidente da Câmara, Severino Cavalcanti:

- (16) “Vossa Excelência está em contradição com o Brasil. A sua presença na presidência da Câmara é um desastre para a imagem do Brasil. **Vamos iniciar** um movimento para derrubá-lo.” (PIMENTA, 2005).

No trecho acima, o deputado escolheu a perífrase de futuro envolvendo o verbo “iniciar” conjugado na primeira pessoa do plural. Essa escolha, além de ser compatível com a hipótese estabelecida neste trabalho de que o futuro perifrástico assume um grau maior de subjetividade, tomando o BSCN como ponto de referência implícito, adiciona a informação de que, na situação comunicativa, o falante demonstra alto grau de comprometimento com o evento futuro de “derrubar” o presidente da Câmara. Portanto, trata-se de um ato de fala que o falante marca como algo no qual ele está pessoalmente implicado (promessa, ou mesmo ameaça).

Observemos agora o caso de <dever> proferido pelo presidente Lula:

- (17) “E o partido iniciou um processo de autocritica que **deve continuar** depois de apurar todas as responsabilidades.” (SILVA, L., 2007a). A informação adicionada ao Espaço de Ato de Fala é de que o falante está fortemente comprometido com a imposição de força sobre o evento futuro. Note-se, entretanto, que o comprometimento poderia ter sido maior, caso tivesse usado “vai continuar”.

Por fim, temos o seguinte exemplo em que o auxiliar <poder> integra uma construção de futuro que realiza um ato de fala diretivo. Nesse caso, há uma remoção de barreira para que o interlocutor realize a ação futura de “baixar o documentário”:

- (18) “Você **pode baixar** o documentário de graça! ... Infelizmente *Terráqueos* não foi lançado no Brasil e por isso você só **pode comprar** direto dos E.U.A.”. (SILVA, J., 2008).

Considerações finais

Este trabalho propôs uma nova perspectiva de análise das construções de futuro no português brasileiro, argumentando que o futuro morfológico e o futuro perifrástico distinguem-se quanto ao grau de subjetividade.

No caso do futuro perifrástico, argumentamos que as perífrases ir+infinitivo e as perífrases com os verbos modais <poder> e <dever> seguidos de infinitivo são instanciações de um mesmo esquema gramatical de futuro, diferindo apenas quanto ao tipo de informação adicionada implicitamente ao *Ground*.

Esperamos que os argumentos desenvolvidos neste trabalho possam ser testados em *corpora* mais amplos, bem como checados à luz de hipóteses complementares e independentes. Em nível sentencial, podem-se avaliar as inter-relações entre características semântico-pragmáticas do sujeito gramatical e os diferentes tipos de perífrases; em nível discursivo, a investigação das construções de futuro em diferentes gêneros textuais pode constituir mais uma ferramenta para a caracterização mais detalhada do assunto.

FERRARI, L. V.; ALONSO, K. S. B. Subjectivity and future-oriented constructions in Brazilian Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.1, p.223-241, 2009.

- *ABSTRACT: This paper proposes a mental space analysis on subjectivity phenomena related to future-oriented constructions in Brazilian Portuguese. First, it is claimed that periphrastic future constructions are more subjective than morphological ones, since the former, but not the latter, add conventional semantic structure to the implicit Grounding spaces, while the Focus (or Content) space remains lower in the network. Second, it is shown that periphrastic future constructions may add structure to the implicit Epistemic, either Base or Speech Act Space, and also that specific constructions differ according to the kind of information they add in each case.*
- *KEYWORDS: Future. Periphrastic constructions. Subjectivity.*

REFERÊNCIAS

BYBEE, J., PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *Mental spaces: aspects of meaning constructions in natural languages*. Cambridge, Mass: MIT, 1994. (Bradford books).

FERRARI, L.; SWEETSER, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: INTERNATIONAL COGNITIVE LINGUISTICS CONFERENCE, 10th, 2008, Krakow. *Proceedings...* Krakow, 2008. p.1-17.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of *let alone*. *Language*, Baltimore, v.64, n.3, p.501-538, Sept. 1988.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995. (Cognitive theory of language and culture).

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. (Cambridge textbooks in linguistics).

LANGACKER, R. W. Subjetification. *Cognitive linguistics*, Nijmegen, n.1, p.5-37, 1990.

_____. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987. 2v.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch*. Köln: University of Cologne: Institut für Sprachwissenschaft, 1982. (Arbeiten des Kölner Universalien-Projektes, v.48). v.1.

LIMA, J. P. de. Sobre a gênese e a evolução do futuro com “ir” em português. In: SILVA, A. S. da. (Org.). *Linguagem e cognição: a perspectiva da linguística cognitiva*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia, 2001. p.119-145.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 6.ed.

São Paulo: Cortez, 2005.

OI deve lançar TV paga via satélite até o início de 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL762399-9356,00.html>. Acesso em: 16 set. 2008.

PIMENTA, D. S. De Fernando Gabeira para Severino. In: FALA, BRASIL! 2005. Disponível em: <<http://www.brazil-brasil.com/content/view/599/44/>>. Acesso em: 13 jun. 2008.

SANDERS, T.; SANDERS, J.; SWEETSER, E. *Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives*. 2007. Manuscript submitted for publication.

SILVA, J. G. T. da. *TERRÁQUEOS (Earthlings), o documentário que vai mudar sua vida!*

Disponível em: <<http://www.blog-br.com/jaorish/43832/>>. Acesso em: 05 maio 2008.

SILVA, L. I. L. da. Presidência da República. *Discurso de posse do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de compromisso constitucional perante o Congresso Nacional*. Brasília: Secretaria de Imprensa e Porta-Voz, 2007a. Disponível em: <<http://www.info.planalto.gov.br/download/discursos/pr001-2.doc>>. Acesso em: 13 jun. 2008.

_____. *Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos e declaração à imprensa, por ocasião da visita de Estado do Presidente da República do Equador, Rafael Correa*. Brasília: Secretaria de Imprensa e Porta-Voz, 2007b. Disponível em: <<http://www.info.planalto.gov.br/download/discursos/pr092-2.doc>>. Acesso em: 10 jul. 2008.

_____. *Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após assinatura de atos e imposição de condecorações entre o governo brasileiro e o governo do Paraguai*. Assunção-Paraguai: Secretaria de Comunicação Social, 2007c. Disponível em: <<http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/discursos/PR157-2.DOC>>. Acesso em: 14 jun. 2008.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. (Cambridge Studies in Linguistics, v.97).

WILLIAMS, E. Meaning categories of NPs and Ss. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v.22, n.3, p.584-587, Summer 1991.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALONSO, K. S. B. *Aspectos pragmático-discursivos na formação do futuro no português do Brasil*. 2007. 20f. Trabalho final (Apresentado como requisito para a Disciplina Tópicos Avançados em Construções Gramaticais – Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BAKER, M. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

LARSON, R. On double object construction. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v.19, n.3, p.335-92, 1988.

SILVA, L. I. L. da. Presidência da República. *Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de lançamento da Política de Desenvolvimento Produtivo: inovar e investir para crescer*. Rio de Janeiro: Secretária de Imprensa, 2008. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/pdp/public/arquivos/discurso_lula.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2008

Recebido em setembro de 2008.

Aprovado em dezembro de 2008.

